

*frutificação de um estudo, de um ensino, de um pensamento, de um trabalho mais do que seculares*"<sup>32</sup>.

Não há dúvida de que, hoje, a Universidade está integrada em seus superiores destinos culturais e cívicos. Talvez o Brasil não tenha dúvida de que ela é um fruto da velha Faculdade de Direito do Recife. Há dúvida, porém, se a própria Universidade se vê assim, se reconhece assim, como uma projeção e um desdobramento de sua velha Escola.

<sup>32</sup> Luiz Delgado - "Joaquim Amazonas", in "Almas e destinos pernambucanos", op. cit., p. 84.

## Reflexões sobre os Cinquenta Anos da Universidade Federal de Pernambuco

*José Luiz Barreira Filho*

Não se torna fácil discorrer sobre esta data efusiva, principalmente quando sabemos que ilustres mestres estarão, também, no bem-vindo retorno desta revista Estudos Universitários, dando suas impressões sobre o transcurso dos cinquenta anos da nossa tão querida Universidade, marcando assim, com uma multiplicidade de pensamentos e idéias, este momento assaz significativo na vida da nossa Academia. Mas, se é difícil, mostra-se também desafiador, sem deixar de ser gratificante, externar nossos pensamentos, na forma mais de sentimentos do que propriamente reflexões, pois acreditamos não sermos capazes de pensar a UFPE independente das sensações que o convívio diário de quase trinta anos de docência nos legou. Os sentimentos servirão, assim, neste momento, também de pano para essas reflexões, pois, em determinados momentos de nossa vida acadêmica, até como diretrizes para mudanças esses mesmos sentimentos atuaram, freando impulsos ou acelerando decisões, numa mescla de razão e coração que norteou nosso caminho nesta Universidade.

Estamos vivenciando o ano do cinquentenário da Universidade Federal de Pernambuco. Ao não iniciado, pareceria talvez período pouco significativo, pois para uma instituição meio século de existência pode não representar muito. É preciso porém lembrar que, embora fundada há cinquenta anos, seu espírito foi formado com a inclusão de Escolas e Faculdades - algumas hoje centenárias - o que o faz já carregar em si as tradições e os legados de mais de século. Este espírito universitário tem assim, em seu íntimo, a vivência, o conhecimento, o amadurecimento inclusive, de instituições como a Faculdade de Direito do Recife, criada em 1827, a Escola de Engenharia de Pernambuco, em 1895, e a Faculdade de Medicina do Recife, em 1915, para citar apenas as mais antigas. São visões ricas de experiência acadêmica, nunca coincidentes, antes

complementares, que se amalgamaram, pela mescla de viveres diversos, absorção de acontecimentos diferenciados, dando, assim, origem a um corpo novo, moldando uma personalidade complexa, um ente abstrato/concreto, que hoje permeia suas diversas unidades. Unidades essas díspares em suas funcionalidades, mas unificadas em seus objetivos fundamentais, de tal forma que essa identidade é hoje percebida/sentida não importa onde se esteja, marca indelével de uma instituição que amadureceu e se faz presente de forma significativa em nossa sociedade.

Mas será que essa mescla, essa fusão de pensamentos e idéias, faz com que a percepção hoje da Academia seja diferenciada, dependendo a ótica da análise também da origem do analista?... Seria talvez a formação do narrador uma moldura diversificada, a enquadrar os fatos e acontecimentos em contextos não uniformes, dando-lhes feições, se não diversas, pelo menos de nuances e cores discrepantes? Não é fácil responder... Podemos apenas falar dos sentimentos e sensações em nosso caminhar universitário, deixando aos verdadeiros historiadores a incumbência da análise fria e objetiva dos fatos vivenciados, capaz talvez de descrever, sem a subjetividade de emoções que não sabemos abandonar, a real evolução desta instituição cuja vida se mistura com a nossa própria.

Procuraremos, assim, relembrar momentos e sensações, comparar ambientes e desempenhos, traduzir sentimentos e percepções, sem a preocupação de definir datas, decretos ou regulamentos, até mesmo sem nomear participantes, não só para evitar o pecado do esquecimento, como para não adentrar a via fácil das loas ou críticas, geralmente utilizada quando escrevemos sobre acontecimentos marcantes em nosso amadurecer.

Há um ponto interessante a se comentar quanto à evolução da nossa Universidade. Todos aqueles que somos oriundos da antiga Escola de Engenharia de Pernambuco da Universidade do Recife costumamos falar, às vezes de maneira saudosista, da excelência do ensino, do nível dos alunos e docentes, comparando com a situação de hoje, com conclusões nem sempre favoráveis aos dias atuais. No entanto, a análise objetiva dos índices de qualidade, utilizados atualmente para medição dos padrões de excelência acadêmica das instituições universitárias, parece demonstrar o inverso: hoje, temos uma Universidade bem mais desenvolvida, apresentando mais de

setenta por cento do seu corpo docente titulação de mestre e/ou doutor; quase 600 doutores, 43 cursos de mestrado, 15 de doutorado, produção científica reconhecidamente de qualidade e sempre crescente, áreas de excelência, pesquisadores em dedicação exclusiva, intensa atividade de extensão. Análise do atual Centro de Tecnologia e Geociências demonstra, proporcionalmente, a mesma pujança. A antiga Escola de Engenharia não podia, evidentemente, apresentar esta configuração, embora seja de justiça ressaltar a existência de excelentes professores e grandes nomes da engenharia pernambucana, com forte atuação na sociedade, e as mais das vezes autodidatas, no quadro docente à época. Professores capazes de motivar seus alunos, de servir de paradigma, inclusive de formar escolas, incentivando os estudantes a vãos mais elevados, embora em menor número e com poucas condições de viver um ambiente de pesquisa. Então como explicar o sentimento de excelência, impregnando nossos pensamentos e sensações e sempre associado à velha e querida Escola? Análise criteriosa, embora sempre plena de emoções, leva-nos a pensar que a explicação possa residir talvez no fato de possuir aquela época algo que nos parece faltar hoje em dia. Seria a capacidade de sonhar, de pensar utopias, de ousar, que era repassada aos alunos junto com o conhecimento transmitido. Provavelmente, era efeito também do ambiente, da efervescência cultural que se vivia, dos desafios a serem enfrentados, do necessário construir advindo do pós-guerra, não sabemos ao certo, mas existia, fazia parte da própria atmosfera da velha Escola, como algo não-físico entremeando o ambiente acadêmico. Quando retornamos àquele tempo, num exercício de memória, fechando os olhos a relembrar os tempos de estudante, quase que podemos sentir novamente o ambiente da época e concluir que era realmente diferente. Não sabemos nem explicar por quê, mas quando entrávamos, vencendo os portões do prédio da rua do Hospício, ou a escadaria de mármore que levava ao salão principal, sentiamos num local diferenciado, partícipes orgulhosos de uma confraria toda especial, porque nunca confessada, mas sempre sentida, em nosso conviver diário. Éramos alunos da Escola de Engenharia de Pernambuco! Havia, realmente, um ambiente propício até para esse tipo de sentimento e motivação.

Não aprendíamos só a técnica, nos formávamos inclusive em cidadania, com discussões que se prolongavam após as aulas, nos bares, em reuniões, no Diretório Acadêmico da Escola, onde os melhores alunos pontificavam como líderes. É interessante lembrar isso. Lembrar que a Escola de Engenharia não só criou e gerou, não foi só a semente de tantas outras Escolas de Engenharia, de Química, de Geologia, deste nosso Norte/Nordeste, por ter sido a pioneira. Ela foi mais. Criou sonhos, e sonhos que viraram realidade. Tivemos o privilégio de participar/assistir a dois desses sonhos. Era o início da década de sessenta. Já havia um grupo na Escola de Engenharia, um grupo de jovens sonhadores, claro, que almejavam criar um Centro de Energia Nuclear no Nordeste. Mas como conseguiríamos fazê-lo? Energia nuclear era coisa desconhecida. Sabíamos dela pelas explosões de Hiroshima e Nagasaki, também pelo ensino avançado de alguns docentes das Cátedras de Física e Matemática, mas tínhamos pouco conhecimento. No entanto sonhávamos, futuros engenheiros almejando criar um Grupo de Energia Nuclear em nossa região. E o que aconteceu a esse sonho? Tornou-se realidade. Com o apoio de alguns docentes da velha Escola, este grupo de jovens estudantes, nos quais orgulhosamente nos incluímos, constituiu-se no núcleo inicial responsável pela geração do Departamento de Energia Nuclear da nossa Universidade. Foi um sonho alimentado com muito esforço, com dificuldades, mas plenamente realizado. Atualmente, inclusive, a UFPE é um dos partícipes de um projeto de excelência, com forte suporte do Governo Federal, para a construção de um Centro Regional de Ciências Nucleares no Recife, incorporando um ciclotron para produção de radiofármacos e um reator nuclear multipropósito, além de laboratórios de pesquisa e prestação de serviços. Este Centro terá importância fundamental na aplicação em larga escala da Tecnologia Nuclear em nossa região, bem como na consolidação da área de Medicina Nuclear no Pólo Médico da nossa cidade. Assim, este sonho na realidade ainda não terminou...

Assistimos a outro sonho também. De outro grupo de jovens, um ano ou dois após a nossa turma. Meados da década de sessenta, estávamos quase saindo, eles entrando na Escola. Jovens sonhadores também, ousaram e sonharam construir aqui no

Nordeste um grupo de pesquisa em Física. O que aconteceu a esse grupo? Desapareceu? O mesmo foi vitorioso, está aí o nosso Departamento de Física. Um dos melhores, de excelência no País, e que gerou, por sua vez, tantos outros grupos em Química e em Física, em outras instituições.

Este o exemplo do que era a antiga Escola de Engenharia, para nós a Universidade, a partir das sensações e pensamentos que perpassam pela nossa memória quando a evocamos. Um Centro de formação científica, cultural, enfim, de cidadania, que nos inspirava, nos motivava a esses sonhos, às vezes absurdos, às vezes utópicos, mas com muitos tornando-se realidade.

Acreditamos, porém, que esta capacidade de sonhar não acabou. Ela existe, talvez não muito alimentada, não muito incentivada, mas existe. E precisamos resgatá-la. Há, nos dias de hoje, professores excelentes, muito bem titulados. Alunos de bom nível, também. Laboratórios bem equipados. Talvez essa capacidade de ousar, de sonhar, esteja um pouco adormecida. Será que isto ocorre porque já construímos tanto? Acreditamos que não, pois a taxa de desenvolvimento tecnológico é cada vez maior, com derivada sempre mais elevada. E ainda temos muito a construir. Talvez falte esse ambiente, esse convívio, que as reformas da Universidade, de certo modo, dificultaram, quando eliminaram a turma, prejudicando o coleguismo que se mantinha ao longo de todos os anos da graduação. Coleguismo e convivência que também geravam sonhos e ousadias a nível pessoal, como o realizado junto com a turma de Engenharia Mecânica, da qual éramos, embora vinculados à Engenharia Elétrica, quase um membro honorário. Ao longo dos nossos primeiros anos de estudos, criamos uma espécie de entidade, de associação, para, ao final do curso, fazermos uma viagem cultural à Europa. E conseguimos. Fomos vinte e um rapazes, em 1966, com nossos esforços, acompanhados de um professor, ao Velho Continente. Alugamos um ônibus em Portugal e corremos toda a Europa, numa embaixada cultural que marcou fortemente nossa graduação. Desta vez, um sonho pessoal realizado.

Outro ponto que sentimos ter-se modificado no passar destes cinquenta anos foi o sentimento de identidade universitária, não muito presente nas décadas iniciais da fundação da antiga Universidade do Recife, criada como o foi, mais como uma

federação de faculdades/escolas do que propriamente uma universidade/universalidade de saberes. A forte presença das unidades de ensino, pelo menos das tradicionais, sua quase autonomia acadêmico-gerencial, praticamente obnubilava a consciência de uma integração universitária. O estudante sentia-se aluno de sua Faculdade ou Escola e não da Universidade. Estudávamos Engenharia Elétrica na Escola de Engenharia de Pernambuco, e isto apenas bastava para nossa identificação acadêmico-geográfica, sendo a Universidade do Recife mero detalhe organizacional que praticamente não interferia em nossa vida estudantil. Tinha de positivo o fato de criar um forte esprit de corps nas Escolas e Faculdades, colaborando efetivamente para a motivação e emulação dos estudantes, conquanto perturbasse a real percepção do sistema universitário. Porém, com o crescimento e fortalecimento da Universidade, o aumento e diversificação das unidades de ensino, o início da construção do campus universitário e as reformas que, em nossa Instituição, extinguíram as velhas Escolas e Faculdades agrupando-as em Centros, à exceção da Faculdade de Direito do Recife, começou a emergir a identidade universitária como fator agregante da vida acadêmica, iniciando assim a mutação daquele esprit de corps para um sentimento cada vez mais abrangente de Universidade. A ampliação do campus, congregando quase todas as unidades, inclusive os órgãos de direção, em um espaço próximo, de convivência acadêmico-cultural, deu a chancela final neste processo de poiesis do ser Universidade, moldando de forma definitiva o espírito universitário hoje presente em nossa Academia. Nenhum aluno dirá, agora, que estuda Engenharia Civil no Centro de Tecnologia e Geociências, mas sim que o faz na Universidade Federal de Pernambuco. Como ponto negativo desta modificação, apontaríamos apenas a forte centralização administrativa que, embora necessária no início para fortalecer a consciência da unidade acadêmica, parece-nos agora uma amarração excessiva, prejudicando, algumas vezes, até a motivação para empreendimentos e experiências mais ousados por parte dos Centros e Órgãos Suplementares.

Assim, a Universidade mudou, pois, como ente dinâmico e caixa de ressonância da sociedade, não podia permanecer estática, à parte das intensas mudanças e evolução sofridos por esta mesma

sociedade. Mudou talvez não na velocidade requerida pela comunidade, não tanto quanto se desejasse, mas mesmo assim atingiu uma posição de liderança incontestada no corpo social. Faz parte inclusive da sobrevivência da Academia a capacidade de sentir o ambiente, de responder aos estímulos externos, de se adaptar às novas contingências de uma sociedade moderna, com recursos tecnológicos e demandas sociais cada vez mais avançados. Aliás, pensamos que o papel real da Universidade seria o de estar inclusive à frente das mudanças, influenciando até mesmo no seu direcionamento, como órgão e liderança pensantes. Este o desempenho que a nossa UFPE tem de perseguir. Estamos no fim do milênio, época rica em transformações políticas, sociais, econômicas, onde os valores, alguns até tradicionais, são cada vez mais questionados. Neste contexto, cabe à Universidade, ainda mais, a tarefa de liderar, apontar prerrogativas, discutir possibilidades, estar, enfim, em posição sempre de destaque neste processo de mutação, muitas vezes doloroso, por que passa a sociedade. E foi para isto que nos preparamos ao longo destes cinquenta anos de existência. Outras mudanças porém, mais fortes ainda, deverão ocorrer, alterando fundamentalmente o próprio sistema de gestão universitária, com a aprovação do projeto de regulamentação da autonomia das Universidades, prevista na Constituição Federal. Este será um grande desafio e, para enfrentá-lo, necessário se faz todo o potencial adquirido nestes cinquenta anos de amadurecimento. Teremos de ser capazes de tomar decisões e propor mudanças até mesmo em áreas tradicionais da Universidade. A integração à sociedade é ponto básico para a sobrevivência, junto com a coragem de modificarmos inclusive o ensino de graduação para atender à demanda de novos cursos e profissões. Será fundamental o desenvolvimento de áreas como biotecnologia, química fina, robótica, telemática, microeletrônica, energética, ciência e engenharia de materiais, sensoreamento remoto, engenharia genética, para citar apenas algumas, dentre as mais promissoras. Em aditamento, as áreas tradicionais devem ter sua criatividade estimulada para se integrarem mais fortemente à sociedade, participando assim do esforço conjunto de adaptação aos novos tempos. Para a consecução destes objetivos, a excelência atingida pela UFPE na pesquisa e pós-graduação será a grande alavanca capaz de

garantir o ultrapassar deste desafio de implantação da autonomia em nossa Universidade.

Há porém obstáculos a serem transpostos na implantação deste processo, alguns inclusive exógenos à Universidade. Talvez o principal deles seja a falta de motivação que começa a se infiltrar na comunidade universitária, de certo modo decorrente de uma política centralizada de pessoal não condizente com a valorização da carreira universitária, agravada ainda por uma campanha sistemática contra o serviço público, fulcro do processo de convencimento da população para o apoio à privatização que se implanta em nosso País. A perda de quadros qualificados pelas aposentadorias, causada pelo receio de mudanças na legislação que venham a afetar direitos adquiridos, é outro ponto fundamental e de solução não imediata, pois a simples reposição, mesmo com exigência de titulação adequada, nem sempre substitui a qualificação e experiência de mestres com trinta anos de vida acadêmica.

Para sobrepujar esses obstáculos, necessário se faz partir para uma definição clara dos objetivos e aspirações da Universidade, onde fique evidenciada a percepção e aceitação das fundamentais diferenças entre as diversas áreas acadêmicas; importante também até para um retorno da motivação da comunidade universitária, será a chamada desta comunidade para uma participação mais efetiva no processo de tomada de decisões, consubstanciada, entre outras modificações mais profundas, por uma aceleração do processo de descentralização administrativa. Torna-se essencial, no momento em que se tomem decisões que venham a afetar marcadamente o fluir da vida universitária, como sem dúvida virá a ocorrer, que se sinta a comunidade co-participe destas decisões, o que, acreditamos, resultará inclusive num processo de valorização do servidor universitário. Finalmente, mas não menos importante, para a sobrevivência da Universidade no sistema de gestão autônoma, será o esforço de criatividade na busca de financiamentos, pelo entrosamento cada vez mais forte com o setor produtivo da sociedade, através da interação profunda entre os diversos grupos qualificados e as indústrias e empresas. Caberá à Universidade identificar os anseios e reais necessidades da sociedade, colocando seu potencial científico a serviço do encontro de soluções para o desenvolvimento tecnológico e a melhoria da

qualidade de vida da população. Estará assim cumprindo à perfeição seu papel, contribuindo também efetivamente para atender à demanda social que se torna cada vez mais forte neste fim de milênio.

São estas as reflexões que neste momento nos vêm à mente, trazidas mais pelos sentimentos criados durante nosso convívio com a UFPE do que propriamente por um exercício intelectual de revisão histórica; esperamos que contribuam para esclarecer não o processo de desenvolvimento sofrido pela nossa Universidade, mas o tipo de vínculo gerado, as sensações e a maneira de sentir Universidade daqueles que tivemos a prerrogativa de acompanhá-la numa parte deste cinquentena anos.

Consideramo-nos, assim, realizados por termos sido participantes privilegiados das transformações pelas quais passou nossa Universidade. Mais realizados ainda por sentirmos que nossa querida Instituição ultrapassou todos os obstáculos e dificuldades postos até agora e chega ao fim do milênio em condições de ultrapassá-lo como uma das Instituições líderes em nosso País. Mas todos aqueles que nos dedicamos à UFPE, e fomos muitos nestes cinquentena anos, sabemos que isto não foi conseguido de forma gratuita, antes foi uma troca, pois tivemos de lançar mão de nossa juventude, nosso trabalho, nossos sonhos, muitas horas de vida subtraídas a nossas famílias. Em nosso caso pessoal consideramos porém uma troca justa. Se hoje recomeçassemos, tudo repetiríamos, talvez apenas com mais humildade e mais fervor. Acreditamos inclusive que no balanço geral somos ainda devedores a esta Instituição. Pois, além do que nos concedeu, gratificou-nos ainda com a investidura em funções de relevância na Administração Acadêmica, nas quais tivemos a oportunidade de não só participar mais intensamente da vida universitária, do fazer e sentir-se Universidade, como também de apreender melhor o significado do espírito acadêmico e a riqueza de conteúdo presentes em nossa Instituição, exemplificados na multiplicidade de saberes e culturas, que é o patrimônio precioso de uma Academia.

A passagem do cinquentenário da UFPE passa a significar para nós, portanto, um momento de alegria plena, que, por tudo que representa, já justificaria o voto de dedicação que firmamos a esta Universidade, praticamente no dia seguinte à nossa formatura.

Dá-nos também uma sensação paradoxal de humildade e orgulho. Humildade porque não sabemos se nossos méritos foram suficientes para bem exercer nossas obrigações e deveres, cômnicos que somos das nossas limitações a ponto até de amá-las como marcas reveladoras da nossa condição humana. Orgulho, por outro lado, bem próximo daquele de quando alunos da antiga Escola de Engenharia, porém abrangente e centrado, agora, na Universidade, ao senti-la pujante e altaneira, desafiando o tempo e as dificuldades, a caminho do próximo milênio, convidando ainda a sonhar e instigando as jovens gerações a juntar-se a ela no esforço permanente de construção do nosso porvir.

## A Tradição Científica Européia e a UFPE

*Jarbas Maciel*

“A tradição constitui o fundamento categorial último do espírito ... Não há conflito entre tradição e razão.”  
(H.G. Gadamer, *Wahrheit und methode*)

A evolução da educação no Brasil apresenta três nítidos momentos, em que pese o eterno risco de uma excessiva simplificação todas as vezes que se encara um processo histórico em perspectiva muito ampla.

Os dois primeiros, um em meados do século XVIII, na esteira da reforma pombalina; o outro bem mais recente, no período que imediatamente antecede e sucede a 2ª Guerra Mundial, com a criação das primeiras universidades no ensejo da reforma Francisco Campos – a de São Paulo (1934), a do Rio de Janeiro (1935), a do Recife (1946) e as demais –; pois bem, os dois primeiros momentos correspondem a um processo de centralização da organização do ensino em nosso país. Já o terceiro momento, que nos toca mais de perto, ainda está em curso e tem que ver com o impacto da hegemonia hemisférica norteamericana no sistema educacional brasileiro durante estas últimas três ou quatro décadas, cujos efeitos tendem a favorecer a sua progressiva descentralização.

O papel de destaque que o Recife ocupa neste cenário é bastante interessante e merecia ser mais estudado, porquanto é aí que se devem buscar os explicadores do processo de formação e consolidação do tipo de experiência pedagógica, científica e cultural que realizamos todos quanto fizemos a Universidade Federal de Pernambuco.

Desde o rompimento em 1800 com a tradição pedagógica jesuítica pelo bispo Azeredo Coutinho no Seminário de Olinda – passando pela instituição dos Cursos Jurídicos no Mosteiro de São Bento e por essa extraordinária experiência de meditação filosófica que foi a chamada Escola do Recife, na Faculdade de Direito